

# Alta já ocorre nos vizinhos

A alta de juros para conter a disparada da inflação já é uma realidade em vários dos países vizinhos ao Brasil. Há pouco mais de uma semana, o Banco Central do Chile foi obrigado a elevar a taxa básica em 0,25 ponto percentual, para 6,25% ao ano. Segundo Vitória Saddi, economista para a América Latina da consultoria RGE Monitor, de Nova York, o BC chileno não teve outra alternativa, diante do forte aumento dos preços dos alimentos, que levaram a inflação acumulada de 2007 para 7,8%, o maior patamar desde 1992, quando o Chile iniciou um dos mais bem-sucedidos programas de reformas econômicas do planeta. "O BC chileno avisou ainda que, mesmo com o aumento dos juros, não conseguirá cumprir as metas de inflação neste ano e em 2009", diz Vitória.

Também na Colômbia, que registrou no ano passado a maior expansão econômica desde 1978 — de 7,8% —, os juros saltaram 0,25 ponto, para 9,5% ao ano. No México, que vem apertando sua política monetária desde o início de 2007, os juros subiram este mês para 7,5%. "Esse movimento mostra que não será muito diferente no Brasil. Os alimentos têm sido o vilão da inflação, mas o Banco Central tem de agir preventivamente para que não haja uma contaminação dos demais preços da economia", assinala.

## Ajuda de fora

Na opinião do economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, Chile, México e Peru tiveram de elevar as taxas de juros porque elas estavam em patamares muito baixos.

"O que não é o caso do Brasil, que continua ostentando uma das maiores taxas reais (descontada da inflação) do mundo, de 7,5%", completa.

Ele ressalta ainda que, com a decisão dos principais bancos centrais do mundo, como o dos Estados Unidos (Fed) e o da União Europeia (BCE), de reduzirem ou de pararem de subir os juros já amplia o diferencial de taxas em relação ao Brasil. "Indiretamente, tanto o Fed quanto o BCE acabam dando uma ajuda à política monetária do país", afirma.

O diferencial de juros, acredita Thadeu, ajudará a manter firme o fluxo de dólares para o Brasil, fazendo as cotações da moeda americana ficarem nos patamares atuais, de R\$ 1,75 a R\$ 1,80, um alívio para a inflação. O dólar baixo facilita as importações de bens de consumo, ampliando a oferta de mercadorias e a concorrência do mercado, e permite às empresas comprarem matérias-primas e insumos mais baratos, reduzindo as pressões de custo. (VN)